



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

## **Diversidade Cultural em Contexto Educativo**

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

2021, Raquel Filipa Coutinho da Fonseca



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Raquel Filipa Coutinho da Fonseca

## Diversidade Cultural em Contexto Educativo

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo de Ensino Básico, apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria de Fátima Fernandes Neves

Maio, 2021

## **Agradecimentos**

A todos os grupos de estágio com os quais pude aprender, rir, partilhar experiências enriquecedoras e crescer enquanto profissional da área da Educação.

À educadora e professora cooperantes, pelo apoio, carinho e dedicação com que me receberam. A vossa ajuda foi imprescindível para o meu progresso.

À Professora Doutora Maria de Fátima Neves, orientadora do presente Relatório Final, pelo incentivo, persistência e constante apoio para ultrapassar e colmatar todas as dificuldades.

Aos meus pais e irmã, pelo amor incondicional ao longo de todo o meu percurso académico. Obrigada pelo vosso apoio, dedicação e esforço. Sem vocês, não teria chegado tão longe.

À minha colega de estágio e amiga, Mara, que desde o primeiro dia, me acompanhou. Obrigada por tudo o que vivenciámos juntas. Tanto nos momentos de diversão, como nas horas que passámos a planificar e construir materiais didáticos para os(as) nossos(as) meninos(as), sempre me acompanhaste e tornaste tudo mais fácil e divertido.

Às minhas colegas, Catarina, Joana e Tatiana que, ao longo destes últimos dois anos, tornaram os meus dias mais descontraídos e alegres. Obrigada pela partilha de ideias, materiais e dicas para aplicar em contexto de estágio.

Por fim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu sucesso, quero que saibam que estou eternamente agradecida pelo vosso apoio.



## **Diversidade cultural em Contexto Educativo**

**Resumo:** Cada vez mais, nos dias que correm, a aceitação e o respeito pela diversidade cultural são fatores essenciais para a tolerância e para uma pacífica convivência. Embora, genericamente, a natureza das crianças não revele qualquer tipo de ressentimento ou rancor em relação a pessoas de nacionalidade, cultura ou etnia diferentes, a verdade é que, com o passar do tempo, se assistirem a situações de racismo e de desrespeito pela diferença, podem vir a comportar-se seguindo padrões completamente desadequados.

Ou seja, nós, enquanto adultos(as) e membros ativos da sociedade atual, somos responsáveis pela forma como os(as) mais novos(as) veem o mundo e como aceitam (ou não) os(as) outros(as), independentemente da sua nacionalidade, etnia ou cultura. Neste sentido, é nosso dever aceitar, respeitar e tratar com igualdade todos(as) aqueles(as) que nos rodeiam e interagem connosco, seja em contexto laboral ou social.

O principal objetivo deste trabalho é compreender de que forma a diversidade cultural é encarada em contexto escolar, isto é, perceber se docentes e alunos(as) aceitam as diferenças culturais, se todos(as) os(as) alunos(as) são integrados(as), independentemente da sua nacionalidade e, acima de tudo, se as diferenças são respeitadas e se há, entre todos(as), partilha de valores.

O presente Relatório encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte, enquadra-se o tema da diversidade cultural, definem-se os conceitos, aborda-se a diversidade cultural nas sociedades atuais e na escola e refere-se o papel do(a) professor(a) no respeito pela diversidade cultural.

Posteriormente, caracteriza-se o contexto no qual foi realizado este trabalho, reflete-se sobre as práticas utilizadas e sobre o que se pretendia colocar em prática com o grupo de estágio. Por fim, apresenta-se uma proposta de intervenção sobre o tema em questão e fazem-se algumas considerações finais.

**Palavras-chave:** diversidade cultural; respeito; aceitação; impacto; papel do(a) professor(a).



## **Cultural Diversity in Educational Context**

**Abstract:** In today's world, more and more, acceptance and respect for cultural diversity are essential factors for tolerance and peaceful coexistence. Although, in general, children's nature does not reveal any resentment or rancour towards people of different nationality, culture or ethnicity, the truth is that, over time, if they witness situations of racism and disrespect for difference, they may behave in completely inappropriate ways.

With different words, we, as adults and active members of today's society, are responsible for how young people see the world and how they accept (or not) others, regardless of their nationality, ethnicity, or culture. In this sense, it is our duty to accept, respect and treat with equality all those who surround us and interact with us, whether in a work or social context.

The main aim of this work is to understand how cultural diversity is seen in the school context, that is, to understand if teachers and students accept cultural differences, if all students are integrated, regardless of their nationalities and, above all, if differences are respected and if there is a sharing of values among everyone.

This report is divided into two parts. In the first part, the theme of cultural diversity is framed, concepts are defined, cultural diversity in present day societies and at school is discussed, and the teacher's role in respecting cultural diversity is referred to.

Subsequently, we characterise the context in which this work was carried out, reflect on the practices used and on what we intended to put into practice with the trainee group. Finally, an intervention proposal on the topic in question is presented and some final considerations are made.

**Keywords:** cultural diversity; respect; acceptance; impact; teacher's role.



### **Lista de Siglas e Acrónimos**

AEC – Atividades Extracurriculares.

AP – Aprendizagens Essenciais.

CEB – Ciclo do Ensino Básico.

DGE – Direção Geral de Educação.

ME – Ministério da Educação.

NEE – Necessidades Educativas Especiais.

PASEO – Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória.



# Índice

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>5</b>
1. MULTICULTURALIDADE, INTERCULTURALIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL .....	7
2. DIVERSIDADE CULTURAL NAS SOCIEDADES ATUAIS .....	9
3. DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA .....	11
4. O PAPEL DO(A) PROFESSOR(A) NA PROMOÇÃO DO RESPEITO PELA DIVERSIDADE .....	21
<b>PARTE II – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO</b> .....	<b>27</b>
1. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO .....	28
1.1. <i>A Instituição de estágio</i> .....	28
1.2. <i>População escolar e recursos humanos</i> .....	28
1.3. <i>Relações interpessoais e organizacionais</i> .....	28
1.4. <i>Estruturas físicas e recursos materiais</i> .....	29
1.5. <i>Caracterização do Grupo de Estágio</i> .....	30
1.6. <i>Aprendizagens e estratégias educativas realizadas com o grupo</i> .....	31
2. A PROBLEMÁTICA .....	32
2.1. <i>Proposta de intervenção</i> .....	33
<b>2.1.1. Justificação</b> .....	33
<b>2.1.2. Objetivos:</b> .....	37
<b>2.1.3. Destinatários</b> .....	38
<b>2.1.4. Estratégias</b> .....	38
<b>2.1.5. Recursos</b> .....	39
<b>2.1.5.1. Humanos</b> .....	39
<b>2.1.5.2. Materiais</b> .....	39
<b>2.1.5.3. Físicos</b> .....	39
<b>2.1.6. Avaliação</b> .....	40
<b>2.1.7. Duração</b> .....	40
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES .....	40
3.1. <i>Atividade 1</i> .....	40
3.2. <i>Atividade 2</i> .....	41

3.3. <i>Atividade 3</i> .....	42
3.4. <i>Atividade 4</i> .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>49</b>

# **INTRODUÇÃO**



*É indispensável instrumentalizar didaticamente a escola para trabalhar com a diversidade. Nem a diversidade negada, nem a diversidade isolada, nem a diversidade simplesmente tolerada. Também não se trata da diversidade assumida como um mal necessário ou celebrada como um bem em si mesmo, sem assumir seu próprio dramatismo. Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica: este me parece ser o grande desafio do futuro (Ferreiro, 2001, citada por Candau, 2011, p.243).*

O tema da diversidade cultural sempre me despertou interesse ao longo do percurso pessoal e académico. Dadas as circunstâncias atuais e, apesar de todos os esforços já realizados para a aceitação da diferença e integração de várias culturas, a verdade é que continuamos a assistir a graves atos de racismo e discriminação em todo o mundo, pelo que estudar esta temática continua a ser de primordial importância.

Atualmente, a Escola defende o ensino de e para todos(as), sem exceção, abrangendo os(as) mais sensíveis e os(as) mais pragmáticos(as), os(as) mais competitivos(as) e os(as) mais colaborativos(as) e, ainda, aqueles(as) que provêm de famílias coesas e bem formadas e os(as) que “sofrem” com uma base familiar desestruturada (Paim & Frigério, 1997).

Neste sentido, é crucial promover valores como o respeito, a aceitação, a compreensão, a integração, a tolerância, entre outros, junto das crianças e jovens que, um dia, serão os(as) agentes ativos(as) da nossa sociedade.

Nos diversos estágios que tive durante a minha formação académica, contactei com grupos heterogéneos, encontrando crianças de diversas nacionalidades, com costumes e hábitos diferentes entre si, pelo que, a diversidade cultural em contexto educativo, esteve sempre presente, o que me fez despertar o interesse pela temática.

Este interesse levou-me, no âmbito do estágio no 1.º CEB, no ano letivo 2019/20, a aprofundar teoricamente a temática e, simultaneamente, desenvolver um plano de intervenção com a finalidade de compreender a perspetiva que as crianças tinham sobre

a aceitação da diferença cultural e respetiva inclusão na sociedade atual. No entanto, a interrupção das aulas presenciais, devido à pandemia COVID-19, a partir do mês de março de 2020, precisamente o momento em que ia dar início ao projeto, inviabilizou a sua concretização.

Ainda assim, com vista a colocar em prática, futuramente, o trabalho desenvolvido sobre a diversidade cultural em contexto educativo, apresenta-se este relatório, onde se aborda teoricamente a temática e se faz uma proposta de intervenção.

Assim, este relatório encontra-se organizado e dividido em diferentes partes.

Na primeira parte, faz-se o enquadramento teórico, aprofundando alguns conceitos como Multiculturalidade, Interculturalidade e Diversidade Cultural. Aborda-se, também, a diversidade cultural nas sociedades atuais e na escola e refere-se o papel do(a) professor(a) no respeito pela diversidade cultural.

A segunda parte começa pela caracterização do contexto educativo do estágio e, de seguida, expõe-se a problemática em questão, a sua pertinência e finalidade, os objetivos, e, por fim, apresenta-se a proposta didática que se pretendia colocar em prática.

Perspetivando o futuro, faz-se a reflexão sobre como esta proposta de intervenção poderá ser posta em prática, tendo em consideração o respetivo contexto educativo. e, ainda, que resultados poderão ser alcançados com este tipo de trabalho.

Tecem-se, também, algumas considerações finais, onde reflito sobre o contributo deste trabalho para a minha evolução pessoal e enquanto futura profissional.

Por fim, disponibilizam-se as referências bibliográficas às quais se recorreu para fundamentar e sustentar o presente relatório.

## **PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**



## 1. Multiculturalidade, Interculturalidade e Diversidade cultural

É comum, nos dias de hoje, na sociedade globalizada em que vivemos, depararmos-nos com pessoas de culturas diferentes da nossa na medida em que, segundo Silva e Brandim (2008) “com o vertiginoso avanço da tecnologia, media, informática e a diluição de fronteiras geográficas, tem-se acelerado o intercâmbio cultural” (p.53).

A constante mobilidade de pessoas, com grande relevância para os movimentos migratórios, permite a permanente partilha de diferentes hábitos e costumes.

*(...) a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 2002, p.1).*

Neste sentido, faz, cada vez mais, sentido que se aceitem as individualidades, respeitem as diferentes culturas e, acima de tudo, se aprenda a ser tolerante com o próximo, evitando atitudes discriminatórias, até porque, segundo Ramos (2007) “a diversidade cultural e as relações interculturais, fazem parte e integram, cada vez mais, os contextos social, económico, político, religioso, educacional, sanitário e mediático” (p.223).

Para melhor compreensão deste tema, é importante definir conceitos como multiculturalidade, interculturalidade e diversidade cultural na medida em que, ainda que se complementem, são diferentes entre si.

A multiculturalidade refere-se à existência de várias culturas num mesmo espaço geográfico, em simultâneo, coexistindo, entre si, e respeitando-se mutuamente.

Segundo Candau (2008, citado por Romero, 2017), há duas abordagens fundamentais do multiculturalismo: a descritiva e a propositiva. A abordagem descritiva (liberal) do multiculturalismo, afirma ser uma característica das sociedades atuais, em que cada sociedade apresenta uma configuração, dependendo de cada contexto. Já a abordagem propositiva (crítica) “entende o multiculturalismo não como dado da realidade, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social” (p. 22).

Em concordância com a autora, existem três tipos de concepções, diferentes entre si, que podem inspirar a construção da abordagem propositiva, entre elas: o multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista/monoculturalismo plural e o multiculturalismo interativo/interculturalidade.

*No multiculturalismo assimilacionista há a constatação de que vivemos em uma sociedade multicultural e de que nessa sociedade não existem oportunidades iguais para os diversos grupos existentes. As políticas assimilacionistas favorecem a integração de “todos/as” na sociedade à cultura hegemônica, ou seja, não se mexe na matriz da sociedade (Candau, 2008, citado por Romero, 2017, p. 23).*

*No multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural, critica-se o assimilacionismo, afirmando que o mesmo não avança por negar a diferença ou silenciá-la. Essa concepção coloca, pois, a ênfase no reconhecimento das diferenças a fim de que os grupos sociais possam manter suas matrizes culturais de base (ibidem, p.23).*

*Por último, o multiculturalismo interativo ou interculturalidade, que defende a promoção deliberada da inter-relação entre diferentes grupos culturais presentes em uma sociedade (ibidem, p.23).*

Intimamente ligada ao conceito de multiculturalidade está o de interculturalidade. A interculturalidade “acontece”, precisamente, quando nos permitimos dar a conhecer e entender outras culturas. Ou seja, o conceito de interculturalidade traduz-se na interação entre, pelo menos, duas culturas diferentes.

*As problemáticas da diversidade cultural e da interculturalidade implicam um novo reposicionamento metodológico e epistemológico ao nível da investigação e da intervenção, tendo vindo a colocar novos desafios às sociedades e às políticas do século XXI, no que diz respeito à gestão da diversidade cultural, das identidades, dos conflitos, da educação e da comunicação intercultural, às interações entre o eu e o outro, entre o universal e o singular. (Ramos, 2007, p.225)*

Analisando o termo interculturalidade de outra perspetiva, podemos, também, defini-lo como a coexistência de duas ou mais culturas, através da convivência assídua. Ou seja, o indivíduo conhece novas culturas, convive com outros modos de viver e pensar, podendo

mesmo vir apropriar-se desses mesmos costumes, passando a assumi-los como parte da sua cultura (Tavares, 2016).

Assim, pode contribuir-se para a aproximação de diferentes culturas, adquirindo hábitos de outras culturas, com as quais nos identificamos, integrar novos costumes e aprender a respeitar a diferença, tornando a convivência entre culturas muito mais agradável e amistosa.

Diversidade cultural, tal como próprio nome indica, refere-se a diferentes línguas, tradições, hábitos, costumes, formas de pensar, alimentação, cultos religiosos, ou até mesmo formas de organização e modelos de família. Esta conceção permite compreender todos os processos de diferenciação entre culturas.

Transversalmente, associamos diversidade à pluralidade, variedade e diferenciação. Ora, se analisarmos o conceito, é sobre isso mesmo que a diversidade cultural trata, ou seja, todos somos diferentes, cada um(a) com a sua cultura e com diferentes formas de ver o mundo, mas, acima de tudo, fazemos parte de um mesmo planeta, onde deve reinar a tolerância, aceitação, consideração e respeito pela diferença.

É certo que nem todos(as) defendem que a globalização é benéfica no que respeita à preservação da identidade cultural de cada país, porém, é necessário e urgente perceber que, cada vez mais, o mundo se torna numa pequena aldeia global, onde todas as culturas acabam por se fundir, integrando-se costumes e aliando-se formas de pensar e viver. Tal como afirma Rosales (2009, citado por Gonçalves & Costa, 2019) “Incluir não é nivelar nem uniformizar o discurso e a prática. Trata-se, exatamente, do contrário. As diferenças são valorizadas em vez de criticadas e inibidas” (p.32).

## **2. Diversidade Cultural nas Sociedades Atuais**

A diversidade cultural assume, nos dias de hoje, um papel fundamental em contexto educativo. As turmas são, cada vez mais, diversificadas, quer a nível de etnias, religiões ou nacionalidades, razão pela qual é urgente refletir sobre o impacto que todas estas

diferenças podem ter dentro da sala de aula e de que forma se pode combater a exclusão, o racismo e a xenofobia.

*A educação intercultural pretende promover o reconhecimento e a valorização da diversidade como oportunidade e como fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade das sociedades atuais, bem como desenvolver a capacidade de comunicar e incentivar a interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade (Direção-Geral da Educação, s/d).*

De acordo com Resende e Vieira (2000) “a questão da multiculturalidade não pode ser dissociada do sentido que têm vindo a imprimir à estrutura social portuguesa os movimentos populacionais mais vastos que aí têm tido lugar nas últimas décadas” (p.1), visto que:

*Durante toda a década de 60, é a emigração que constitui o centro de interesse dos estudos que então se realizam nesta área das Ciências Sociais. Portugal, como país economicamente periférico, insere-se na corrente de exportação de mão-se-obra que então assola os países do sul da Europa no sentido dos florescentes mercados de trabalho do Norte. Quer pela via legal quer, sobretudo, de forma clandestina, esta corrente emigratória vai esvaziando aceleradamente todo o interior do país, ... (ibidem, p.1).*

Dada a importância dos movimentos migratórios, a partir da década de 70 procura entender-se, com mais precisão, o fenómeno que é a emigração em massa e quais as repercussões:

*A partir da década de 70, já ultrapassada a perplexidade causada pelo carácter massivo do movimento, começa a afirmar-se a preocupação em conhecer de forma mais aprofundada o fenómeno emigratório, não só nas suas vertentes históricas, demográficas, económicas e culturais, mas também na identificação dos mecanismos de igualdade/desigualdade social associados à experiência emigratória dos portugueses nos países de acolhimento (ibidem, p.1).*

Na verdade, o facto de muitas famílias terem sido obrigadas a emigrar e a adaptarem-se aos costumes daquela que passou a ser “a sua terra”, veio revolucionar toda a dinâmica

cultural. Mais tarde, quando puderam regressar ao seu país de origem, já com família constituída, e novos costumes enraizados, depararam-se com uma sociedade que nem sempre os soube acolher da melhor forma, no que concerne ao respeito pelo outro, à aceitação da diferença e, também, à adaptação a diversificadas formas de ver o mundo.

De facto, numa sociedade tão diversificada como a que temos atualmente, nem sempre é fácil interligar e integrar todos os costumes, crenças, formas de viver, religiões. Não obstante, cabe a cada um(a) valorizar as particularidades das culturas que nos rodeiam, mostrar interesse em adquirir novos hábitos e dar a conhecer a própria cultura ao(à) outro(a), para que se torne mais fácil o processo de aculturação e integração cultural.

### **3. Diversidade Cultural na Escola**

As crianças, ainda que sejam mais tolerantes e recetivas, muitas vezes sofrem, em contexto escolar, de exclusão por parte de colegas. O facto de não haver respeito pelas diferentes culturas por parte de cidadãos(ãs) adultos(as), supostamente conscientes, pode repercutir-se em contexto educativo, dado que as crianças reproduzem aquilo que veem e ouvem em casa. Tal situação acontece visto que, além das crianças e jovens passarem maior parte do seu tempo na escola, não são, por vezes, devidamente preparados(as) para aceitar a diferença e integrar novos costumes (Rodrigues, 2013).

Desta forma, e apesar das crianças, ainda assim, serem mais tolerantes, é crucial que a escola dê o seu contributo para instruir jovens com valores como o respeito, a tolerância e o sentido de inclusão, de modo a saberem respeitar, integrar e aceitar a diferença. Neste sentido, Stephen May (1999, citado por Almeida, 2006) “considera que temos, no presente, razões para estar otimistas quanto ao potencial da educação multicultural, pois muitas das fraquezas das primeiras abordagens têm sido revistas, na procura de um caminho que permita a concretização efectiva das possibilidades do multiculturalismo” (p.2).

Por essa razão “Nas escolas, estas preocupações deverão estar explícitas no currículo e ser objecto de trabalho contínuo, visando em última instância um novo senso comum imbuído de cientificidade e respeito pela diferença” (Souta, 1997, p.82). Segundo este mesmo autor:

*Múltiplos são os documentos legais (na forma de declarações, orientações, recomendações, convenções e resoluções), emanados das mais variadas instâncias europeias e internacionais (CE, UE, OSCE, OCDE, UNESCO, ONU, ...) que preconizam o combate ao racismo e à xenofobia, que estipulam a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres, que incentivam a integração dos deficientes, que propõem medidas de apoio aos imigrantes e às minorias étnicas, que recomendam o ensino da história e da cultura das minorias nacionais, que apontam acções para a escolarização das crianças ciganas. Todos estes diplomas legais, definidores de um quadro de igualdade e tolerância no respeito pela dignidade da pessoa humana, são, infelizmente, quase desconhecidos pela generalidade dos cidadãos do nosso país. Dir-se-á que a divulgação destes textos legais é restrita (ibidem, p. 85).*

Se a divulgação é restrita, muito dificilmente chega às escolas e, conseqüentemente, a formação de futuros(as) cidadãos(ãs) torna-se mais difícil e complexa. Para inverter esta situação, é crucial investir na abordagem do tema, dar a conhecer novas formas de pensar e, acima de tudo, integrar as diferentes culturas.

Neste sentido, a Escola ocupa um lugar de destaque nesta missão de integração, uma vez que é o local onde as crianças passam grande parte do seu dia, seja em atividades letivas ou extracurriculares. Assim, professores(as) e auxiliares de ação educativa devem assumir um importante papel no que respeita ao processo de inclusão e partilha de conhecimentos e experiências entre crianças e jovens “Proporcionando assim, um ambiente escolar num local de formação de alunos ativos criativos, solidários e com uma consciência crítica do real papel do ser humano no ambiente em que vive” (Paim & Frigério, 1997, p.2).

Se a troca de experiências/vivências for profícua, é possível difundir valores como o respeito, a tolerância e entreatuda, entre outros. Desta forma, todos(as) se tornam mais ricos(as) a nível pessoal e profissional, uma vez que, segundo Vygotsky (1987, citado por Paim & Frigério, 1997, p.1) “as crianças são o resultado de suas experiências e da troca com o outro”.

De acordo com Vieira (2011):

*Se a escola pode ser um microcosmo de diversidade cultural, as crianças e os jovens são confrontados com essa diversidade antes e fora da escola: no lar, nas comunidades em que se enraíza a sua família, nos mundos culturais em que decorre a sua existência quotidiana e, por isso, o processo educativo intercultural é um processo que tanto atravessa o mundo da escola quanto o mundo fora da escola. (p. 208).*

Assim, a própria Escola, como responsável pela formação dos(as) cidadãos(ãs), deve promover valores de modo a que as crianças aprendam a lidar com a diferença, reconhecendo que todos temos os mesmos direitos e deveres, sendo indispensável o papel dos(as) docentes na abordagem clara, simples e realista destes conceitos uma vez que “A integração e o sucesso educativo dos alunos originários de outras culturas e/ou descendentes de imigrantes é um importante indicador de integração social, de desenvolvimento e de coesão social” (Ramos, 2007, p. 225).

Para Vieira, (1999, citado por Rodrigues, 2013), a inclusão “implica as noções de reciprocidade e troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas (...) entre os indivíduos portadores de diferentes culturas” (p.11), até porque, segundo Lages (2006, citado por Rodrigues, 2013) “uma das grandes riquezas da humanidade é a sua heterogeneidade daí que os diversos povos devam mostrar uma compreensão recíproca pelos vários elementos culturais existentes nas diferentes sociedades” (p.11).

Neste sentido, para que todas as crianças sejam integradas de forma adequada e para que sintam que fazem parte da comunidade educativa é importante que a inclusão seja feita

desde logo, haja partilha de experiências e, também, discussões sobre hábitos e costumes dos diferentes países e culturas.

Para Ramos (2003), os próprios programas escolares deveriam ser adaptados, visando eliminar casos de discriminação face às minorias presentes na escola. Ainda, no entender deste autor:

*Se a existência de quadros legais que promovam a integração dos imigrantes em Portugal é fundamental é, igualmente, necessário implantar uma educação intercultural suscetível de desenvolver nos portugueses a capacidade de aceitarem e valorizarem as diferenças e contribuir para criar uma sociedade onde todos participem e dialoguem e uma conceção cosmopolita da nação (Ramos, 2003, citado por Rodrigues, 2013, p.14).*

Neste sentido, a Escola, espaço onde a multiculturalidade impera, tem vindo a desempenhar um papel fundamental no que concerne à inclusão de novas culturas e nacionalidades, dado que:

*A educação oferece às crianças e jovens oportunidades de adquirirem capacitação, desenvolverem sentido crítico e auto-confiança, à medida que vivenciam a experiência da diversidade e obtêm um conjunto de conhecimentos, aptidões, atitudes e valores fundamentais para negociarem igualdade de oportunidades na sociedade e desenvolverem práticas de cidadania (Ramos, 2007, p. 233).*

A Escola, desde o 1º ciclo à universidade, é responsável por: acolher todos/as os/as alunos/as que nela pretendam adquirir conhecimento, incluir diferentes tipos de culturas numa só turma e, de certa forma, transmitir valores, tanto aos(às) docentes, que terão de lidar com alunos(as) “diferentes”, como aos(às) restantes alunos(as), que irão ter colegas que, muito provavelmente, não sabem falar a mesma língua, e têm outros hábitos alimentares e outras crenças religiosas, entre outros aspetos.

“A escola como espaço de igualdade, oportunidades e esperança enfrenta o complexo, porém motivador, desafio de criar dinâmicas que respondam a esta realidade” (Tavares,

2016, p. ii). Assim, é dever da Escola, enquanto Instituição de referência na formação de indivíduos e da comunidade em geral, estar a par da evolução da sociedade, integrar todos os(as) seus(suas) alunos(as) e promover a aceitação e o respeito pelo(a) outro(a).

*A escola constitui também para as famílias migrantes ou de minorias étnico-culturais, um espaço importante de contacto e integração na sociedade e desempenha um papel fundamental para a criança e sua família. As famílias depositam, em geral, na escola (a qual muitas, não conheceram, nem frequentaram) as esperanças e o êxito social não concretizados no país de origem (...)* (Ramos, 2007, p.233).

Para tal, é importante manter o contacto com as famílias, perceber que apoios são necessários e, também, compreender de que forma se pode ajudar na sua integração na sociedade.

Desta forma, todos(as) os(as) que estão “perdidos(as)” num meio que lhes é desconhecido, ao perceberem que têm apoio, sentem maior conforto para partilhar as suas experiências e adaptam-se com mais facilidade à nova realidade.

O mesmo se aplica, claro, à Escola. Se as crianças, recém-chegadas, sentirem que todos(as) os(as) que fazem parte deste ambiente os(as) acompanham e auxiliam, certamente terão mais vontade de partilhar as vivências e os costumes da sua cultura. Neste âmbito, todos(as) os(as) intervenientes são responsáveis pela adaptação e inclusão destes(as) novos(as) alunos(as), no sentido de os(as) proteger de possíveis atitudes incorretas, até porque, de acordo com Souta (1997):

*Assiste-se na sociedade portuguesa, e muito em particular nas áreas metropolitanas, a transformações significativas na sua população escolar. Acentua-se, em cada dia que passa, a heterogeneidade cultural, em termos étnicos, linguísticos e mesmo religiosos. Também Portugal é cada vez mais uma sociedade multicultural* (p. 66).

Para o autor, a educação baseada na diversidade não deve ser apenas mencionada, mas sim inserida e valorizada no Programa e Currículo da Escola, sendo o papel do(a)

professor(a) crucial para a integração e valorização das diferentes culturas. Para Vieira, a integração “implica as noções de reciprocidade e troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas (...) entre os indivíduos portadores de diferentes culturas” (Vieira, 1999, citado por Rodrigues, 2013, p. 11).

Em concordância com outros autores, Vieira (1999, citado por Rodrigues, 2013) afirma a sua convicção de que, perante uma sociedade multicultural:

*Há que procurar políticas e tipos de comunicação interculturais, não apenas multiculturais, pois caso contrário, reproduzem-se as diferenças fechadas em ghettos, reconhecendo-se-lhes as suas particularidades e identidades próprias sem, todavia, ou pelo menos necessariamente as pôr em pé de igualdade ao acesso à cidadania europeia, mundial, transnacional, transcultural, etc., sem perder a identidade local (ibidem, p.13).*

No entender do autor, deve-se ter consideração pela diferença, respeitando as tradições de cada cultura, de modo a que não se perca a identidade cultural, uma vez que é todo o conjunto de conhecimentos, modos de agir e de pensar que nos enriquece como seres humanos. Também na Escola, esse deve ser o procedimento a seguir, ainda que não seja tarefa fácil.

De acordo com Cortesão (2001), nem sempre a Escola tem em conta que, para crianças, oriundas de outros países, fazerem aprendizagens numa língua que não a sua, é tarefa bem difícil e que dificulta a obtenção de resultados de excelência, colocando-as em desvantagem, relativamente aos(às) colegas e levando-as, eventualmente, ao fracasso escolar, até porque, como Pereira refere (2004, citado por Rodrigues, 2013) “a escola e o currículo continuam centrados nos padrões culturais dominantes e as culturas maternas dos grupos minoritários continuam a ser ignoradas” (p.13).

Para mudar mentalidades, de acordo com Romani (2004, citado por Rodrigues, 2013), há que ter em conta que, antes de mais “A escola tem que ser local, como ponto de partida, mas internacional e intercultural, como ponto de chegada” (p.14). Para este autor, a

Escola é o lugar onde se desenvolve a ação educativa, onde se realiza, de maneira prática, a educação para todos(as) cidadãos(ãs).

Os diplomas legais referentes ao Sistema Educativo Português defendem a plena inserção na sociedade, bem como o respeito pela diversidade. Com efeito, a Lei de Bases do Sistema Educativo, na alínea a) do artigo 3.º: “reconhece a diferença cultural e defende o respeito pela diversidade (...)” (Lei n.º 46/86 de 14 de outubro).

O Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO), complementa esta linha de pensamento na medida em que “Perante os outros e a diversidade do mundo, a mudança e a incerteza, importa criar condições de equilíbrio entre o conhecimento, a compreensão, a criatividade e o sentido crítico. Trata-se de formar pessoas autónomas e responsáveis e cidadãos ativos” (ME, 2017, p.5).

Neste sentido, defende-se a integração e formação de crianças e jovens para que se tornem cidadãos(ãs) ativos(as) e preocupados(as) com a atualidade na medida em que “Havendo desigualdades e sendo a sociedade humana imperfeita, não se adota uma fórmula única, mas favorece-se a complementaridade e o enriquecimento mútuo entre os cidadãos” (*ibidem*, p.5).

A Escola tem como função primordial educar e ensinar, de forma organizada, uma população com as suas características próprias. A Escola deve responder a todos(as) os(as) seus(suas) destinatários(as) da melhor forma, tornando-os(as) cidadãos(ãs) competentes, civilizados(as), informados(as) e, acima de tudo, que saibam respeitar a diferença, independentemente das circunstâncias:

*é neste contexto que a escola, enquanto ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências, onde os alunos adquirem as múltiplas literacias que precisam de mobilizar, tem que se ir reconfigurando para responder às exigências destes tempos de imprevisibilidade e de mudanças aceleradas (ibidem, p.7).*

Para Sá (2001, citado por Rodrigues, 2013):

*À escola competirá a organização de um ambiente cultural que permita a maturação de cada indivíduo no respeito pelos aspetos éticos, cívicos e técnicos, harmoniosamente interligados, humanizando o ensino de modo a que faça evoluir o processo cognitivo e relacional, que possibilite o desenvolvimento de atitudes responsáveis nos jovens, que lhes permitam assumir a responsabilidade pelos seus atos e a capacidade de tomar decisões perante si próprios, perante o grupo e a sociedade em que vivem, aprendendo a participar com autenticidade na construção do bem comum (p. 15).*

Para que a Escola seja inclusiva e direcionada a todos(as) os(as) que nela desejam desenvolver competências e obter mais conhecimento, é necessário ter em conta que a educação deve ser inclusiva, de modo a que todos(as) os(as) alunos(as) de culturas, nacionalidades e costumes diferentes, se sintam integrados(as) e respeitados(as).

De acordo com Leite (2002, citado por Rodrigues, 2013), assiste-se a uma mudança nos “discursos de legitimação da escola de um modelo cultural único, que deveria ser transmitido numa intencionalidade assimilacionista e homogeneizadora” (p. 15). Esta mudança de discurso segue no sentido de abranger a diversidade cultural das diferentes populações escolares.

Neste sentido, a Escola tem como função dar resposta à realidade pluricultural que caracteriza a população escolar, dado que só assim é possível incluir todas as particularidades de cada cultura/nacionalidade e dar-lhes o devido valor, destacando cada detalhe que as torna singulares.

Infelizmente, nem sempre é isso que se verifica, porque, como afirma Martins (1998), “parece que a escola, como todas as instituições sociais, não se encontra preparada para enfrentar-se à diversidade, à desigualdade e à exclusão social (as minorias, a cultura da marginalidade, a inadaptação social, a xenofobia, etc.)” (p.15).

Dietz e Cortés (2011, citados por Romero, 2017), ao refletirem sobre as questões educativas em sociedades multiculturais, destacam alguns enfoques ou modelos

discursivos que foram gerados por atores sociais e instituições que confluem para a prática educativa, visando responder ao problema da diversidade cultural nos contextos educativos. Dentre estes enfoques destacam-se:

- a) *Educar para assimilar ou compensar: este modelo educativo promove um processo unidirecional de adaptação cultural dos alunos, ou seja, a sua assimilação à cultura hegemônica, desconsiderando as diferenças existentes no contexto educativo.*
- b) *Educar para diferenciar ou biculturalizar: o qual se baseia no pluralismo cultural e estabelece que todas as comunidades autodeclaradas étnica e/ou linguisticamente distintas, têm o direito a uma educação específica.*
- c) *Educar para tolerar ou prevenir o racismo: foi considerado como um modelo que consiste numa das primeiras tentativas de interculturalização educativa, pois tinha como objetivo fomentar, entre os diferentes setores dos alunos, o respeito e a tolerância mediante a formação de valores, atitudes de solidariedade e comunicação humana.*
- d) *Educar para transformar: consiste em “empoderar” o outro. No entanto, corre o mesmo risco de produzir atitudes paternalistas, já que tem como base os princípios filosóficos do multiculturalismo crítico.*
- f) *Educar para capacitar/fortalecer: está mais diretamente ligado aos movimentos multiculturalistas institucionalizados, é fortemente influenciado pela educação popular latino-americana e nas suas estratégias de conscientização dos grupos oprimidos acerca das possibilidades de transformação. É fortemente marcado pelas lutas e ações para a obtenção de cotas de participação política que se opõe às injustiças sociais.*
- g) *Educar para descolonizar: é um modelo mais característico de países latino-americanos e combate o modelo educativo unidirecional que promove a assimilação e a integração nacional (pp. 14-15).*

Ainda de acordo com estes mesmos autores (2011, citados por Romero, 2017):

*a educação intercultural surge como uma forma de promover a relação entre as pessoas enquanto membros de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente*

*de modos muito variados, nas quais são sujeitos ativos. Apresenta-se como um processo complexo e multidimensional que envolve diferentes fatores, tais como, a pessoa, o grupo social, a língua, a religião, etc., não se limitando apenas ao reconhecimento, mas indo além deste, promovendo, acima de tudo, uma interação entre os sujeitos. Tal interação vai além da dimensão individual e de suas respectivas identidades culturais (p. 16).*

Neste sentido, Kutudjian e Corbett (2009, citados por Gonçalves & Costa, 2019), formularam algumas propostas com o intuito de incentivar a aceitação e integração da diversidade cultural no sistema de ensino:

- *Aumentar o nível de compreensão de outras culturas, do ponto de vista pessoal e organizacional, nomeadamente interagindo com pessoas de outra(s) cultura(s) e/ou estimulando relacionamentos significativos com pessoas de outras culturas, com consciência de que podem perder-se relacionamentos e trocas importantes devido ao desconhecimento, seja por medo ou falta de compreensão.*
- *Evitar impor valores a outras pessoas que possam ser inconsistentes ou entrar em conflito com a(s) sua(s) cultura(s).*
- *Não presumir qualquer ligação entre a falta de proficiência numa língua e o nível intelectual de uma pessoa.*
- *Reconhecer que o comportamento é afetado pela espiritualidade e bem-estar emocional e conceitos referentes a universais, como família, homem e mulher, variam significativamente entre as culturas.*
- *Eleger o uso de materiais representativos de vários grupos culturais, de comunidades de âmbito local, de sociedades inteiras.*
- *Intervir, de forma assertiva sempre que se observam comportamentos que revelam insensibilidade cultural ou preconceito.*
- *Ser proativo na escuta, aceitação e acolhimento de pessoas e ideias diferentes e desafiantes (pp.32-33).*

Para que tais objetivos sejam cumpridos com sucesso é crucial que sejam promovidos desde cedo, sendo a Escola o local privilegiado para desenvolver todo este processo.

#### **4. O papel do(a) professor(a) na promoção do respeito pela diversidade**

Parrilla (1999, citado por Baumel, 2004) afirma:

*o profissional da educação, mais que um trabalhador que opera e aplica técnicas rigorosas, específicas e cientificamente fundamentadas sobre os alunos, é um profissional da mudança educativa que sabe, aprende a enfrentar alternativas singulares, específicas e concretas que cercam os problemas e necessidades únicas que exigem respostas às mesmas (p.151).*

Ora, de acordo com as necessidades e exigências de cada turma, o(a) docente deve adaptar-se e procurar dar respostas da melhor forma possível. Neste sentido, seja pelo facto de uma criança ser de nacionalidade ou cultura diferente, ou mesmo por ter algum tipo de necessidade a nível cognitivo, é obrigação do(a) professor(a) estar atento(a), indagar as diversas possibilidades de auxiliar o(a) aluno(a) e perceber de que forma pode contribuir para que a sua integração na comunidade escolar possa ser bem-sucedida. Sendo a escola um local, por excelência, de sociabilização, Salomão (2007, citado por Rodrigues, 2013) defende que:

*o professor deve ir assumindo, ainda que de forma gradual, o papel de mediador, dando aos alunos a oportunidade de constituírem as suas próprias aprendizagens. Assim, o professor deve observar a criança para melhor agir com ela, ver como despertar nela a curiosidade, esperar que o interesse suscite perguntas e ajudá-la a descobrir, por ela própria, a resposta para essas mesmas perguntas (p. 76).*

Neste sentido, o(a) professor(a) tem um papel crucial na mediação de conflitos e esclarecimento de algumas dúvidas, não só porque é a figura de referência das crianças, como também deve ter a capacidade de acolher, guiar e auxiliar aqueles(as) que não se sentem integrados(as) num país diferente do seu.

Stoer & Cortesão, (1999, citados por Nunes, 2013) apresentam algumas características que podem diferenciar um(a) professor(a) monocultural de um(a) professor(a) multicultural.

*O professor monocultural: encara a diversidade cultural como um obstáculo ao processo de ensino/aprendizagem; considera a diversidade cultural na sala de aula como deficit (preocupação com o que falta nas culturas que se desviam do normal); considera importante a homogeneidade cultural na sala de aula, veiculando a cultura nacional na escola oficial para todos; proclama a sua identidade cultural como uma herança histórica que é fixa e indiscutível; centraliza na Escola, pois a escola deve preparar para a modernização; reconhece as diferenças culturais sem contudo as querer conhecer.*

*Por seu turno, o professor multicultural: encara a diversidade como fonte de riqueza para o processo ensino/aprendizagem; promove a rentabilização de saberes e de culturas; toma em conta a diversidade cultural na sala de aula tornando-a a condição da confrontação entre culturas; refaz o mapa da sua identidade cultural para ultrapassar o etnocentrismo cultural; defende a descentralização da escola, a escola assume-se como parte da comunidade local; conhece diferenças culturais através do desenvolvimento de dispositivos pedagógicos na base da noção de cultura como prática social (p.44).*

Segundo estes autores, o(a) professor(a), que não é sensível ao tema da diversidade cultural, olha para os(a) seus(suas) alunos(as) como um grupo de crianças que têm, entre si, características muito semelhantes. Se o(a) docente não for capaz de ter em conta as diferenças que existem na turma, não tem a capacidade de reconhecer o trabalho que pode realizar com os(as) seus(suas) alunos(as). Ao invés deste tipo de professor(a), temos o(a) professor(a) multicultural, que é capaz de reconhecer as diferenças culturais dos(as) seus(suas) alunos(as) e de ter em conta o que precisam e o que deve ser explorado em contexto de sala de aula. Para tal, o(a) docente deve entregar-se ao tema, desenvolver e colocar em prática atividades que permitam vivenciar experiências diversas, tendo em conta a história de vida de todos(as) os(as) seus(suas) alunos(as).

Marton (1994, citado por Silva & Caldas, 2002) estabelece uma relação entre a interação e a aprendizagem, nos seguintes termos: “Não há aprendizagem sem percepção, não há percepção sem mensagens, não há mensagens sem signos, não há significação sem comunicação e não há comunicação sem interações” (p.39).

Postic (1984) define a relação educativa como o “conjunto de relações sociais que se estabelecem entre o educador e aqueles que educa para atingir objetivos educativos” (p.12).

Para Carvalho (1999, citado por Palma, 2010), a relação educativa “carrega na sua essência o valor da interação, daí que ela deverá ser orientada no sentido que os alunos reconheçam nela uma forma de se verem reconhecidos e valorizados na sua personalidade” (p.8).

Na mesma linha de pensamento, Fernandes (1990, citado por Nunes, 2013) define a relação educativa como um

*processo interaccional que visa favorecer o desenvolvimento integral do aluno e cuja grandeza se operacionaliza numa dimensão humana, recíproca, cooperativa e comunitária, de modo a que a turma se constitua como uma verdadeira comunidade e não apenas como um agregado de indivíduos (p.38).*

O mesmo autor defende, também, que esta relação tem de ter como objetivo “formar personalidades autónomas, maduras, independentes, coerentes e livres”, porque o(a) professor(a) “para além das preocupações que deve ter no desenvolvimento a nível psico-intelectual do aluno, também deverá atender ao seu desenvolvimento afetivoemocional”. (*ibidem*, p. 38).

Assim, a interação entre professor(a) e os(as) alunos(as) é “um processo relevante em virtude de promover o interesse do aluno pelo conteúdo estudado e para a aprendizagem” (Marques, 2011, citado por Nunes, 2013, p. 41), tornando-se o(a) professor(a) num(a) mediador(a) entre os(as) alunos(as) e o conteúdo de aprendizagem.

De acordo com o PASEO (ME, 2017):

*A escolaridade obrigatória é de e para todos, sendo promotora de equidade e democracia. A escola contemporânea agrega uma diversidade de alunos tanto do ponto de vista socioeconómico e cultural como do ponto de vista cognitivo e*

*motivacional. Todos os alunos têm direito ao acesso e à participação de modo pleno e efetivo em todos os contextos educativos (p. 10).*

Assim, para que as crianças se sintam integradas, acolhidas e respeitadas, é importante que o(a) professor(a) tenha a capacidade de gerir, abordar e adaptar o Programa e respetivas atividades, tendo em linha de conta as características dos(as) seus(suas) alunos(as).

De acordo com os princípios da reorganização e gestão curricular, estipulados no artigo 8 do Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, “as escolas devem proporcionar actividades curriculares específicas para a aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua aos alunos cuja língua materna não seja o português”.

A diversidade cultural deve, por isso, ter um papel preponderante no processo de ensino e de aprendizagem no sentido em que, datas comemorativas como: Natal, feriados ou outro tipo de datas especiais sejam celebradas, de forma a que todos(as) possam partilhar o que lhes é familiar e os(as) torna exclusivos(as) perante a turma.

Através de atividades diversificadas, o(a) professor(a) pode abordar a questão da multiculturalidade, mesmo não tendo alunos(as) de outras culturas na sua turma. No documento Organização Curricular e Programas, no âmbito da área do Estudo do Meio, um dos objetivos/requisitos é que as crianças reconheçam a sua origem, o local onde nasceram, a sua ascendência e o(s) país(es) onde já viveram “Localizar, em mapas, o local do nascimento, locais onde tenha vivido anteriormente ou tenha passado férias...” (ME, 2004, p.107).

A cultura, por si só, “está latente, presente na escola, nas salas de aula, nas atividades e alternativas pedagógicas do coletivo escolar, fortalecendo ou enfraquecendo (de acordo com a concepção adotada) as interações, as ações dos indivíduos e mais, dos professores” (Moreira, 1999, citado por Baumel, 2004, p.153). Assim, quer a cultura de cada um(a) dos(as) alunos(as) seja a mesma ou diferente, há que incluir todas as particularidades de cada uma e interligá-las, de forma a que possam coabitar pacificamente.

Neste sentido, mais uma vez, a Escola e respetiva comunidade escolar, desempenham um papel fulcral na desconstrução dos preconceitos e na conseqüente integração de todos(as) os(as) alunos(as) “numa perspectiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade” (ME, 2004, p. 11).

Como afirmam Fernandes e Moniz (2000, citados por Palma, 2010), o(a) professor(a) deverá fazer uma seleção adequada dos métodos, das técnicas e das estratégias de ensino, em função do potencial e das características pessoais e culturais de cada aluno(a), tendo em consideração “os problemas de autoestima, os sentimentos de angústia ou ansiedade que possam gerar efeitos negativos, quer nas atitudes e comportamentos visíveis dos alunos, quer nos processos de aprendizagem” (p.39).

Deste modo, as crianças, vão construindo a sua personalidade e tornando-se futuros(as) cidadãos(ãs) mais conscientes do mundo que as rodeia.



## **Parte II – Proposta de Intervenção**

## **1. Caracterização do Contexto de Estágio**

### **1.1. A Instituição de estágio**

A instituição de estágio é uma Escola Básica do 1º CEB, pertence a um dos Agrupamentos da cidade de Coimbra e, embora localizada numa zona central, tem um público escolar, maioritariamente, desfavorecido em termos socioeconómicos.

### **1.2. População escolar e recursos humanos**

Nesta instituição, aberta das 8h30 às 17h30, existem 4 turmas do 1ºCEB, uma turma para cada ano de escolaridade, sendo que, ao todo, existem cerca de 80 alunos(as).

Para cada turma existe um(a) professor(a) titular de turma, existindo um total de quatro docentes (um professor e três professoras).

Ao nível de pessoal técnico existem apenas duas auxiliares de ação educativa, claramente insuficientes para responder a todas as solicitações. Esta situação resulta do facto de existirem alguns(mas) funcionários(as) de baixa médica e que não foram substituídos(as).

A professora titular do 4º ano de escolaridade desempenha o papel de coordenadora desta instituição.

### **1.3. Relações interpessoais e organizacionais**

O clima relacional entre os(as) professores(as) desta Escola é bastante positivo, não existindo grandes problemas nem divergências entre os(as) docentes sendo que, quando surge alguma questão, é tratada de forma célere e profissional.

O pessoal técnico e auxiliar mantém uma boa relação com todos(as) os(as) professores(as) da instituição, existindo um ambiente salutar entre todos(as).

Também o clima entre os(as) alunos(as) e os(as) professores(as) é cordial, existindo uma relação baseada na compreensão e no respeito mútuos.

Os(as) alunos(as) têm um bom relacionamento entre si, embora, às vezes, existam alguns problemas típicos entre crianças, de reduzida importância.

Por fim, a relação existente entre os(as) encarregados(as) de educação, os(as) docentes e o pessoal técnico é bastante amistoso, na medida em que cada um(a) dos(as) intervenientes tem consciência de qual é o seu papel na escola, havendo respeito e cooperação entre todos(as).

A nível da articulação com a comunidade, esta instituição participa em vários concursos e atividades propostas pela Câmara Municipal e por outras entidades, o que evidencia a efetiva colaboração entre si. Existe, também, a partilha e divulgação dos trabalhos realizados, sendo todos(as) os(as) alunos(as) notificados(as) sempre que existam propostas de atividades, mesmo que se realizem fora do horário escolar.

#### **1.4. Estruturas físicas e recursos materiais**

Esta instituição está instalada num edifício antigo que sofreu, recentemente, algumas obras de reabilitação. Ainda assim, mantém alguns aspetos menos positivos, como o facto de alguns dos aparelhos de ar-condicionado das salas de aula, bem como os estores das janelas, não funcionarem. É de realçar que a escola não dispõe de um espaço verde para os(as) alunos(as) brincarem livremente no recreio, existindo apenas um espaço exterior, em cimento. Este espaço é reduzido para o número total de alunos(as) da escola e não apresenta condições favoráveis à prática de exercício físico ao ar livre, o que condiciona o funcionamento das atividades de expressão físico-motora.

Quanto aos equipamentos eletrónicos, a escola dispõe de computadores nas salas de aula e na biblioteca e de dois quadros interativos, instalados na biblioteca e na sala de aula do 4º ano de escolaridade. As restantes salas estão equipadas apenas com um

quadro de giz e computador, o que torna mais complexo o processo de ensino e de aprendizagem. A biblioteca apresenta uma grande variedade de livros, sendo que estes podem ser requisitados pelos(as) alunos(as) e levados para casa, mesmo ao fim de semana. Por norma, os(as) alunos(as) têm sempre uma aula semanal com um(a) docente especializado(a) na área da literatura, na biblioteca, para que desenvolvam o gosto pela leitura.

No que diz respeito a materiais didáticos, a instituição tem uma sala com vários materiais que podem ser utilizados por qualquer discente, com a devida autorização.

São materiais adequados às idades dos(as) alunos(as) e que se encontram em boas condições de manutenção e armazenamento.

Por fim, relativamente ao material de desporto, existem vários equipamentos desportivos na escola, os quais só podem ser utilizados durante as sessões de atividade física e desportiva, na presença de um(a) adulto(a). É de realçar que há falta de algum material, necessário para os(as) alunos(as) poderem praticar alguns dos exercícios, exigidos na Prova de Aferição de Educação Física. Para colmatar esta falta, os pais dos(as) alunos(as) chegaram a um consenso e decidiram adquirir o material necessário, para que os(as) seus(suas) educandos(as) possam realizar as diversas atividades, ao longo do ano letivo.

### **1.5. Caracterização do Grupo de Estágio**

O grupo com o qual realizei o estágio frequentava o 2º ano de escolaridade e era composto por 20 discentes, sendo 11 rapazes e 9 raparigas. As idades eram compreendidas entre os 6 e os 8 anos de idade. Existiam crianças oriundas de diferentes países, entre os quais: Brasil, China, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. Apesar de não terem nacionalidade portuguesa, todas estas crianças dominam a língua portuguesa.

Nesta turma existiam, também, crianças com NEE, que estavam devidamente integradas no grupo e eram acompanhadas pela professora de apoio e por uma psicóloga.

No que diz respeito ao número de alunos(as) retidos(as), apenas uma das crianças apresentava retenções, estando a frequentar o 2º ano pela segunda vez.

Relativamente à frequência das AEC, apenas um aluno e uma aluna não se encontravam inscritos nestas atividades.

A turma era, globalmente, assídua e pontual, sendo o seu comportamento e aproveitamento de nível Bom. Apesar de se notar uma melhoria, ao longo do período, destacaram-se, de forma menos positiva, três alunos com planos adaptados que apresentavam algumas dificuldades de aprendizagem e de comportamento.

### **1.6. Aprendizagens e estratégias educativas realizadas com o grupo**

Ao longo deste período de estágio, pude verificar o cuidado com que a professora titular abordava os vários conteúdos, tendo em conta as diferenças culturais, fazendo a interligação entre as diversas nacionalidades e, acima de tudo, solicitando a participação ativa de todos(as) os(as) alunos(as), para que pudessem partilhar as suas experiências com os(as) colegas. Também, neste aspeto, as famílias se mostravam, em todos os momentos, bastante recetivas e interessadas na partilha de conhecimentos e novas experiências.

Partindo deste princípio, também a nós, alunas estagiárias, foi transmitido este cuidado e atenção para abordar o tema da diversidade cultural. Tendo por base o conteúdo a lecionar, era pedido a cada um(a) dos(as) alunos(as), oriundo(a) de outro país, que desse o seu testemunho e partilhasse as suas vivências, de modo a enriquecer cada aprendizagem.

Algumas destas crianças frequentaram a mesma instituição de educação pré-escolar, pelo que já estavam familiarizadas com este género de abordagem, no que diz respeito às aprendizagens e partilha de experiências.

Visto que no grupo havia crianças com NEE, existiam objetivos específicos para estas

crianças, sendo devidamente acompanhadas por uma professora de apoio, pela terapeuta da fala e pela psicóloga.

Os(as) restantes alunos(as) apresentavam facilidade de aprendizagem e acompanhavam, relativamente bem, os conteúdos lecionados, ainda que houvesse alguns(mas) alunos(as) com mais dificuldade a nível de leitura e raciocínio lógico, porém, quando solicitada alguma resposta, ainda que demorassem mais algum tempo a pensar, respondiam ao que lhes era pedido.

No que diz respeito aos(às) alunos(as) de diferentes culturas, é de salientar que, apesar de algumas dificuldades ao nível da comunicação, nomeadamente na expressão oral e escrita, todos(as) eles(as) eram bons(as) alunos(as), revelavam capacidade de aprendizagem bastante significativa e demonstravam interesse e curiosidade para aprender mais sobre o país no qual viviam atualmente.

## **2. A Problemática**

A escolha deste tema deve-se ao facto de, tal como já referi, me ter deparado, ao longo do meu percurso académico, com diversos grupos de crianças, onde a diversidade cultural era uma constante, fosse pelo facto de haver crianças com nacionalidades diferentes, ou por ser um tema de discussão bastante recorrente nos diferentes contextos formativos. Desta forma, apercebi-me de que, ainda hoje, existe alguma dificuldade em aceitar e respeitar a diferença, compreender hábitos e costumes diferentes daqueles a que fomos acostumados(as) e, principalmente, adaptar a nossa realidade, de acordo com a sociedade atual. Com efeito, infelizmente ainda são frequentes atitudes de exclusão e de desrespeito pelo que é diferente.

É precisamente sobre esta questão, enquanto futura profissional, que pretendo focar a minha atenção, procurando perceber como poderei, em colaboração com outros(as) agentes ativos(as) do meio escolar e da sociedade em geral, tentar transmitir a mensagem

de que é necessário, e urgente, aceitar a diferença, a diversidade, e respeitar cada um(a) de acordo com a sua cultura/nacionalidade.

Importa, também, envolver os pais, mães e encarregados(as) de educação nesta função, uma vez que os(as) alunos(as), ao serem confrontados(as), em contexto escolar, com valores diferentes dos que são aprendidos em contexto familiar, podem revelar grandes dificuldades na sua integração escolar. Por isso, é essencial haver consenso entre família e escola, para que haja partilha de valores e, desse modo, conseguir resultados mais positivos e promover a inclusão. Neste sentido, é fundamental abordar, com as próprias crianças, temas como a diversidade cultural, o respeito e a tolerância pela diferença. Neste sentido, e dada a pertinência e relevância desta problemática, pretendia-se desenvolver um conjunto de atividades que permitissem abordar a diversidade cultural na Escola.

## **2.1. Proposta de intervenção**

### **2.1.1. Justificação**

Quando abordamos a diversidade, seja em que contexto for, falamos de diferença. Diferença essa que nos permite conhecer, interagir e, até, adquirir formas de viver, pensar e atuar, divergentes da nossa. No que concerne à diversidade cultural, podemos verificar que língua, religião, hábitos e costumes podem ser completamente diferentes entre países. Tal fator pode causar transtorno, se não houver empatia e respeito pelo(a) outro(a), mas também pode tornar-se um meio de partilha se a diversidade for aceite e valorizada.

Tal como refere Rocha-Trindade (1993, citado por Bracons, 2018), “sociedade multicultural é onde coexistem grupos étnicos diversificados que, embora sujeitos às leis do país onde residem, se orientam de acordo com sistemas de valores e práticas sociais que diferem dos princípios da cultura dominante” (p.14).

Tal como é definido na Declaração da UNESCO (2002), “a diversidade cultural é um património comum da humanidade, representando uma oportunidade para se aprofundar a compreensão e a riqueza na diferença e o respeito pelo Outro” (p.15).

Ora, se existe toda esta preocupação em aceitar, compreender e respeitar a diversidade cultural, é claro que este deve ser um tema abordado na Escola, com os(as) mais novos(as).

Neste sentido, pude observar a forma como a docente titular da turma de 1ºCEB, na qual realizei o meu estágio curricular, articulava as várias atividades e as interligava com os mais diversos temas. Era constante a preocupação que tinha, sempre que introduzia um novo conteúdo, em questionar os(as) alunos(as) oriundos(as) de outros países, se tinham aprendido de outra forma, ou se conheciam outro método de aprendizagem, típico do seu país. Por outro lado, sempre que havia uma troca de ideias sobre diferenças entre culturas, a professora moderava o debate, onde se discutiam valores essenciais à formação dos(as) mais pequenos(as). Assim, ao longo desta observação, aprendi a valorizar, ainda mais, cada intervenção dos(as) alunos(as), aproveitando para interligar temas e remeter, sempre que possível, para a importância da diversidade.

A diversidade cultural presente numa turma não acarreta, apenas, benefícios na promoção de valores como o respeito, solidariedade, compreensão, integração, entre outros, como também permite ao(à) docente abordar o tema de forma mais sólida, consciente e estruturada, a partir da participação ativa dos(as) alunos(a). Assim, a valorização da diversidade cultural, expondo o tema com seriedade, contribui para a inclusão dos(as) alunos(as), os quais passam a sentir-se parte integrante do contexto escolar que frequentam.

A turma com a qual trabalhei é exemplo disso, uma vez que, apesar de algumas divergências na língua, costumes e tradições, através da preciosa ajuda e intervenção da professora titular, conseguiram criar um ambiente de pura harmonia, respeito e carinho entre todos(as). Este grupo de crianças, multicultural e heterogéneo, revelou-se bastante recetivo, participativo e interessado neste tipo de temas.

A diversidade cultural na Escola é um tema de extrema importância e que deve ser tratado com o máximo cuidado possível. Abordar a diversidade cultural na Escola é de tal modo importante e pertinente, e dadas as características peculiares do grupo de estágio, pretendia desenvolver, durante o estágio, um projeto de intervenção com os(as) alunos(a) do meu grupo, no sentido de explorar os diferentes conceitos e definir uma sequência didática com atividades e recursos com vista à promoção de aprendizagens significativas sobre esta temática.

No entanto, devido à situação pandémica, a partir de meados do mês de março de 2020, as escolas foram encerradas, não tendo sido possível implementar a proposta de intervenção.

Devido às medidas restritivas do Agrupamento, não pudemos manter o contacto com as crianças através da plataforma *zoom*, à exceção da nossa última semana de estágio, na qual nos foi permitido aceder à última aula *online*, para nos despedirmos da turma, antes do final do ano letivo. Mas, embora não tivesse sido possível colocar a minha proposta de intervenção em prática, tive a oportunidade de colaborar com a professora titular e, semanalmente, preparar algumas atividades para a turma, de acordo com os temas sugeridos pela professora. Dadas as limitações e visto que o objetivo principal, em cada semana, era criar um conjunto de atividades que as crianças conseguissem desenvolver autonomamente, não foi possível colocar em prática a proposta inicialmente planeada.

Ainda assim, elaborei um conjunto de atividades tendo em linha de conta as características culturais do grupo de estágio, bem como o interesse que sempre demonstraram (em conversas tidas no início do estágio) em saber mais e partilhar experiências, com os(as) colegas de turma, sobre os diferentes hábitos e costumes culturais. Na verdade, dado que o grupo de estágio era, por excelência, um grupo multicultural, no início do estágio, comecei, como forma de introduzir o tema que pretendia desenvolver posteriormente, a desenvolver atividades curriculares (em Português e Matemática, nomeadamente) relacionando-as com as características culturais da turma.

Assim, fez-se uma discussão, em ambiente de sala de aula, sobre alguns hábitos e costumes que diferem de país para país, como, por exemplo, o caso da gastronomia (algumas crianças conheciam frutas do seu país de origem, que não são comercializadas em Portugal); do vestuário (a aluna chinesa referiu o facto de os seus avós usarem apenas as vestes típicas daquele país); da música, tendo sido aprendidas algumas canções, sendo descodificado o seu significado (a aluna chinesa cantava para os(as) seus(suas) colegas, sempre que estes(as) lhe pediam, uma canção em chinês, que aprendera durante as férias de verão). Deste modo, os(as) alunos(as) empenhavam-se e participavam de forma muito mais ativa, na medida em que queriam aprender tudo sobre a cultura dos(as) seus(suas) colegas.

Os(as) alunos(as) tiveram, também, alguns momentos de reflexão sobre atitudes que podem influenciar e condicionar o bem-estar de todos(as), por exemplo, o respeito pelo(a) outro(a), pela sua identidade e cultura. Era, igualmente, motivo de conversa sempre que se ouviam, no recreio, comentários ou comportamentos discriminatórios em relação a determinadas crianças.

Posteriormente, depois de analisar e interligar os vários conteúdos que teria de lecionar, em consonância com a minha colega de estágio, numa aula de português, levei para a sala o livro “O que vamos contar?” de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Este livro foi selecionado tendo em linha de conta a faixa etária e as características culturais da turma em questão, uma vez que aborda uma turma multicultural, na qual são contadas breves histórias/lendas dos países de origem de cada criança. Tal como acontecia no grupo de estágio, também, na história do livro, há crianças do Brasil, da China, de Cabo-Verde, entre outros.

Após a leitura da história, os(as) alunos(as) mostraram-se bastante entusiasmados(as), recetivos(as) e curiosos(as) para saber o que se poderia fazer com toda aquela informação, para além de se identificarem com alguns dos costumes da história.

Neste mesmo dia, em interligação com a área da matemática, realizámos um gráfico de barras, feito em papel de cenário, no qual registámos o número de crianças da turma e respetiva nacionalidade.

Para dar continuidade à abordagem das diferenças entre culturas, decidimos, com a aprovação da docente supervisora, propor uma visita de estudo ao Jardim Botânico da cidade. Relacionava-se, assim, o estudo sobre as plantas, tema de análise durante a semana anterior, com a biodiversidade existente neste espaço. Na impossibilidade de realizar esta visita, consequência de medidas mais restritas, devido à pandemia que se fazia sentir nessa altura, reajustámos o plano de aula e abordámos outros temas, que nada tinham a ver com a diversidade cultural.

Dado que no final desta semana as escolas foram encerradas por tempo indeterminado, todas as atividades pensadas até então, ficaram suspensas.

Neste sentido, não tendo sido possível concretizar o projeto sobre a diversidade cultural, ficou a vontade de, no futuro, o colocar em prática.

#### 2.1.2. Objetivos:

Com o projeto sobre a diversidade cultural pretende-se:

Perceber o processo de integração das crianças, oriundas de outros países, em contexto escolar;

Analisar métodos de integração e auxílio a alunos(as) de nacionalidades diferentes, que apresentem dificuldades de aprendizagem;

Compreender de que forma o tema da diversidade cultural é abordado em contexto de sala de aula e na comunidade escolar, respetivamente;

Desenvolver estratégias educativas que promovam a aceitação da diferença;

Abordar o Programa e as Aprendizagens Essenciais, interligando-os com o tema da diversidade cultural;

Verificar influências de outros países e culturas em diversos aspetos do dia a dia (alimentação, vestuário, música, comunicação, etc.);

Identificar as múltiplas pertenças de cada pessoa a diferentes grupos e comunidades;

Reconhecer a importância do diálogo, da negociação e do compromisso na resolução pacífica de situações de conflito;

Respeitar os interesses individuais e coletivos.

### 2.1.3. Destinatários

Na medida em que a diversidade cultural é um tema transversal, a sua abordagem pode e deve fazer-se com crianças em Jardim de Infância e em qualquer ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, salvaguardando, naturalmente, os objetivos e as metodologias adequadas a cada nível educativo.

No entanto, no caso concreto, como se tem como referência o grupo de estágio que frequentava o 2.º ano de escolaridade, a proposta aqui apresentada destina-se a crianças entre os 6 e os 8 anos de idade, pelo que é necessário abordar a temática de forma simples, mas rigorosa, utilizando recursos que permitam às crianças compreender e fazer aprendizagens significativas.

### 2.1.4. Estratégias

A educação é fundamental para o desenvolvimento de qualquer cidadão(ã) e, sendo a Escola um local propício para a mobilização e dinamização das potencialidades das crianças, a abordagem deste tipo de problemáticas é uma ferramenta essencial para a construção da personalidade de cada um(a).

Ou seja, independentemente da diversidade cultural que exista, ou não, numa turma, este tema pode e deve ser abordado. As crianças devem aprender, desde cedo, que, apesar das diferenças no que concerne a valores, hábitos, costumes todos(as) temos os mesmos direitos e deveres, todos(as) os(as) alunos(as) devem sentir-se integrados(as) e incluídos(as), e, acima de tudo, devem sentir a sua cultura valorizada e respeitada. Logo, perspetivando uma futura intervenção, seria importante abordar a temática da multiculturalidade com diferentes turmas do 1º CEB, constituídas por crianças de diversas culturas ou, até mesmo, com crianças com a mesma nacionalidade.

Neste sentido, através desta proposta de intervenção, pretende-se alertar para a pertinência de educar as crianças e os(as) jovens, para que se tornem cidadãos(ãs) mais conscientes, íntegros(as) e tolerantes com os(as) outros(as).

Para que os(as) alunos(as) se interessem e participem ativamente é necessário que as estratégias a utilizar contribuam para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais dos(as) alunos(as), através da realização de atividades lúdicas, apelativas e interativas que fomentem o diálogo e o trabalho colaborativo de todos(as) os(as) intervenientes. Assim, deve privilegiar-se o trabalho de pesquisa, o trabalho de grupo e promover a colaboração com as famílias.

#### 2.1.5. Recursos

##### 2.1.5.1. Humanos

Os(as) alunos(as) e os(as) professores(as) da(s) turma(s) envolvida(s), bem como as famílias e outros(as) agentes da comunidade educativa e da comunidade envolvente.

##### 2.1.5.2. Materiais

Livros; computadores; jornais; folhetos informativos; plataforma de jogos *online* “Kahoot”; gravações/registos de informação através de “entrevistas” feitas pelas crianças, em casa.

Ingredientes necessários à confeção de determinados pratos típicos de determinados países como, por exemplo, Brasil, China, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Portugal.

##### 2.1.5.3. Físicos

Escola (sala de aula, biblioteca e refeitório); espaço exterior referente a eventuais visitas de estudo; auditório do agrupamento de escolas.

### 2.1.6. Avaliação

A avaliação é, essencialmente, formativa e contínua, feita ao longo de todo o processo, sendo de registar o entusiasmo, disponibilidade e empenho dos(as) alunos(as) na realização das tarefas. Mas, no final do projeto é registada a evolução das crianças, através de atividades de aplicação e aprofundamento de conhecimentos, quanto à aceitação da diversidade cultural e a eventual mudança de atitude perante o que é diferente.

### 2.1.7. Duração

Este projeto deverá ser realizado ao longo de seis semanas, ainda que possa haver alguma alteração na medida em que há atividades dependentes da disponibilidade das famílias dos(as) alunos(as).

## 3. Descrição das atividades

### 3.1. Atividade 1

#### **Plantas/Árvores de Outros Países**

De acordo com o tema em questão e a finalidade desta sessão, os principais objetivos da atividade são:

Reconhecer plantas e frutos de países diferentes, tipos de clima a que se adaptam, formas de os cultivar;

Pesquisar que outras plantas/árvores diferentes existem, e perceber a razão pela qual só existem em determinados pontos do país/significados religiosos ou culturais têm para os habitantes;

Conhecer alguns hábitos de outros países;

Integrar, sempre que possível, os costumes de outras culturas;

Partilhar conhecimentos com o grupo, através de diálogo e da pesquisa;

Incluir as tecnologias no quotidiano da sala de aula, por forma a tornar o ensino mais interativo e abrangente e as aprendizagens mais apelativas e significativas.

Numa primeira fase, pós-visita ao Jardim Botânico, na qual a turma pode observar plantas originárias de diversos países e ouvir as explicações sobre as especificidades de cada uma delas, deve surgir um breve diálogo com a colaboração de todos(as).

Desta forma, pretende-se descobrir que outras plantas e árvores conhecem, que tipos de frutos dão estas mesmas plantas/árvores, se são comestíveis, para além de outras características.

Posteriormente, procuram associar as plantas de diferentes países, aos tipos de fruta existentes em cada país e, conseqüentemente, explorar os diversos hábitos alimentares. As crianças poderão, naturalmente, partilhar algumas curiosidades sobre o seu país de origem e respetiva cultura, podendo fazer pesquisa ou solicitar mais informações, junto dos(as) seus(suas) encarregados(as) de educação. Neste tipo de atividade, as crianças poderão fazer uso de livros, pesquisas na *internet*, notícias de jornal, folhetos informativos, entre outro tipo de materiais. Depois de obtida a informação necessária, segue-se o momento de partilha entre todos(as).

Para aprofundar as aprendizagens e para divulgação do trabalho de pesquisa, poderá ser utilizado, em grande grupo, um jogo de curiosidade na aplicação de jogos *online* “Kahoot”. Assim, todos(as) têm acesso, quer na escola ou em casa, e poderão recordar o que aprenderem com os(as) colegas sobre plantas e árvores de outros países.

Esta atividade, devido à sua complexidade, deverá ter a duração de, pelo menos, duas semanas, sendo que as aulas de estudo do meio (60 minutos) serão inteiramente destinadas a este projeto.

### **3.2. Atividade 2**

#### **Livro de receitas**

Para esta atividade definem-se os seguintes objetivos:

Pesquisar, em livros, cadernos, *internet* receitas típicas de diferentes países, cujos alimentos são específicos;

Perceber de que forma se confeccionam determinados alimentos, isto é, se há outras formas de cozinhar um mesmo alimento, consoante o país/cultura em questão;

Identificar tipos de ingredientes que são usados na confeção das diversas receitas (especiarias, por exemplo);

Integrar, sempre que possível, os costumes de outras culturas;

Partilhar conhecimentos com o grupo, através de diálogo e da pesquisa;

Incluir as tecnologias no quotidiano da sala de aula, por forma a tornar o ensino mais interativo e abrangente e as aprendizagens mais apelativas e significativas.

Após análise e partilha de conhecimentos/curiosidades sobre o tipo de alimentação característica de cada cultura, cada um(a) dos(as) alunos(as) deve procurar ou pedir aos familiares, uma receita típica do seu país. Depois, devem fazer a seleção dos ingredientes usados e explicar a forma de confeção que, muitas vezes, difere de país para país, de cultura para cultura. De seguida, será elaborado um livro, em formato digital ou em suporte de papel, com as receitas selecionadas pela turma, de modo a partilharem o conhecimento com as restantes turmas da escola.

Esta atividade inserida na área de estudo do meio, pode demorar, dependendo dos resultados das pesquisas dos(as) alunos(as), mais do que três aulas.

### **3.3. Atividade 3**

#### **Gravação de um CD**

Para esta atividade, pretende-se alcançar os seguintes objetivos:

Pesquisar canções/músicas/melodias de diferentes países, nomeadamente dos que estão representados na turma;

Conhecer instrumentos musicais específicos de cada país/cultura e a forma como são feitos e tocados;

Interagir com familiares/amigos, de forma a integrá-los(as) nas atividades da escola;

Integrar, sempre que possível, os costumes de outras culturas;

Partilhar conhecimentos com o grupo, através de diálogo e da pesquisa;  
Incluir as tecnologias no quotidiano da sala de aula, por forma a tornar o ensino mais interativo e abrangente e as aprendizagens mais apelativas e significativas.

Depois de criado um jogo *online* e elaborado um livro de receitas, como forma de dar continuidade à exploração de diferentes características culturais, cada um(a) dos(as) alunos(as) deve pesquisar e selecionar uma canção tradicional do seu país de origem e, posteriormente, partilhá-la com os(as) colegas.

Nesta atividade o contributo da família deve ser privilegiado, sendo que os(as) familiares que toquem algum instrumento musical podem colaborar, se mostrarem disponibilidade para tal, na gravação do CD, enriquecendo-o com diferentes canções e músicas dos seus países de origem.

Com esta atividade, as crianças não só poderão fazer novas aprendizagens, como também podem integrar elementos da sua família e levar, para a sala de aula, um pouco mais da sua cultura.

Esta atividade deve ter a duração de quatro a cinco aulas, estando, no entanto, dependente da disponibilidade dos familiares.

### **3.4. Atividade 4**

#### **Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento (21 de maio)**

No seguimento das atividades anteriores, também esta sessão, sendo o culminar do projeto sobre diversidade cultural, tem como objetivos:

Dar a conhecer as particularidades de cada país/cultura aos(às) restantes convidados(as);

Identificar o tipo de trajes/vestes tradicionais existentes nos quatro cantos do mundo;

Trocar experiências, vivências e tradições de outros países.

- Integrar, sempre que possível, os costumes de outras culturas;
- Partilhar conhecimentos com o grupo, através de diálogo e da pesquisa;
- Incluir as tecnologias no quotidiano da sala de aula, por forma a tornar o ensino mais interativo e abrangente e as aprendizagens mais apelativas e significativas.

Para terminar o projeto, elege-se o dia Mundial da Diversidade Cultural, celebrado a 21 de maio, sendo convidados(as) todos(as) os(as) familiares, bem como a comunidade escolar e representantes da comunidade local, para estarem presentes numa sessão de apresentação final de todas as atividades desenvolvidas até à data. Assim, os(as) alunos(as) têm oportunidade de mostrar aos pais, familiares e amigos(as), todas as aprendizagens realizadas ao longo de várias semanas de partilha com os(as) colegas de turma. Neste dia, pais e crianças podem partilhar curiosidades da sua cultura, costumes do seu país de origem, trazer algum prato/receita diferente para todos(as) experimentarem, ou mesmo ensinarem alguma canção típica do seu país de origem. Desta forma, todos(as) têm oportunidade de ficar a conhecer um pouco mais sobre cada um dos países representados pelos(as) alunos(as) da turma.

Neste evento, como forma de avaliação do projeto, apresenta-se o jogo, mostra-se o livro de receitas e dá-se a conhecer os dotes musicais dos(as) mais pequenos(as) e das famílias, através do CD gravado pela turma. Por fim, realiza-se um desfile, no qual cada criança usa os trajes tradicionais do seu país de origem.

Esta atividade de convívio multicultural deve durar uma manhã ou uma tarde.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Tal como referi, diversas vezes, ao longo deste relatório, o tema da diversidade cultural sempre marcou presença durante o meu percurso académico. Neste sentido, e dado que é um assunto que, na minha perspetiva, deve ser abordado com clareza, precisão e de forma mais abrangente, decidi explorar o assunto em contexto escolar. Desta forma, pretendia perceber de que forma a diversidade cultural é questionada e analisada na atualidade, de acordo com os(as) intervenientes que compõem o meio escolar. Ou seja, queria averiguar se, neste contexto escolar, desde docentes a auxiliares e alunos(as) entre si, existia algum tipo de racismo, xenofobia e rejeição de culturas diferentes, ou se, pelo contrário, todos(as) eram acolhidos(as), integrados(as) e tratados(as) de forma igual.

Assim, em concordância com a professora orientadora e a professora supervisora, decidi articular a abordagem da diversidade cultural com os diferentes conteúdos lecionados ao longo do ano letivo.

Após esta experiência em cada um dos grupos de estágio, nos quais pude aprender e, conseqüentemente, colocar em prática essas mesmas aprendizagens, saliento que o mais importante para mim, enquanto futura profissional, foi o facto de poder apreciar a forma como as crianças veem o mundo que as rodeia, seja de acordo com os exemplos que vivenciam em casa, em concordância com a própria cultura, ou seja porque foram, desde cedo, sensibilizados(as) para a aceitação, respeito e integração de meninos(as) com características diferentes das suas.

Tive o privilégio de trabalhar com pessoas que, tal como eu, são sensíveis em relação ao tema em questão, se preocupam com o bem-estar de todos(as) e, acima de tudo, procuram formar cidadãos(ãs) conscientes, respeitadores(as) e informados(as).

Embora, inicialmente, pretendesse desenvolver um projeto que me permitisse trabalhar a temática da diversidade cultural, para além de tentar perceber o modo como se fazia, na escola, a integração e a inclusão, no entanto, devido à situação pandémica que atravessámos a partir do mês de março de 2020, e que se prolongou até ao final do ano letivo, não foi possível concretizar tal finalidade.

Foi, de facto, com enorme desgosto que não coloquei em prática tudo aquilo que tinha em mente e pretendia desenvolver com este grupo de estágio, daí que tenha apresentado, neste Relatório, uma proposta de intervenção, aguardando que, no futuro, possa vir a concretizá-la.

Considero, ainda, que esta proposta de intervenção, que deve contribuir para a reflexão sobre como lidamos com a diferença no meio escolar, deve ser desenvolvida com qualquer tipo de turma, isto é, com uma turma cujos(as) alunos(as) são de nacionalidades e culturas diferentes, ou numa turma em que todas as crianças tenham a mesma nacionalidade. Com efeito, quer seja com crianças que convivem com colegas de nacionalidades e culturas diferentes na sua turma/escola, quer com crianças que não usufruem dessa experiência, todas devem aprender a respeitar e aceitar o(a) outro(a), independentemente da sua origem, cultura ou religião. Deste modo, privilegiam de uma aprendizagem mais inclusiva, completa e universal, permitindo-lhes explorar outras perspetivas sobre o modo de estar, ver e agir na sociedade atual.

Assim, enquanto futura profissional, pretendo cumprir o meu papel enquanto interveniente ativa no que diz respeito à aceitação da diversidade cultural e respeito pela diferença, ensinando valores aos(às) mais novos(as) para que se tornem cidadãos(ãs) conscientes, que respeitem a diferença e sejam defensores(as) da tolerância.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Almeida, J. C. P. (2006) A Escola e a Diversidade Cultural: Algumas Notas sobre a Educação multicultural em Portugal. In *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, vol. 14, pp. 1-18. Estados Unidos: Arizona State University Arizona. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275020543>.

Baumel, R.C. (2004). Formação de Professores: aportes multiculturais e o movimento da inclusão. *Educar*, n.º 24, p.149-161. Curitiba: Editora UFPR.

Bracons, Hélia (2018). Cultura, diversidade, interculturalidade e mediação: percepções dos estudantes de Serviço Social. In *Revista Migrações - Número Temático Mediação Intercultural, Observatório das Migrações (OM)*, dezembro 2018, nº 15, pp. 12-27. Lisboa: ACM.

Candau, V. M. (2011). Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. *Currículos sem Fronteiras*, vol 11, n.º2, pp. 240-255. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Brasil.

Cortesão, L. (2001). Acerca da Ambiguidade das Práticas Multiculturais – Necessidade de Vigilância Crítica Hoje e Amanhã. In David Rodrigues (org.), *Educação e Diferença – Valores e Práticas para uma Educação Inclusiva*, pp.49 – 58. Porto: Porto Editora.

Direção-Geral da Educação (s/d). *A Educação Intercultural*, República Portuguesa. Lisboa: DGE.

Gonçalves, S. & Costa, J. (2019). *Diversidade no Ensino Superior*. Coimbra: IPC/CINEP.

Martins, E. C. (1998). Desigualdade e Identidade no Discurso da Diversidade. A Educação Intercultural como uma Pedagogia de “Baixa Densidade”. In Patrício, M. F. (org.) (2002), *Globalização e Diversidade – A Escola Cultural, Uma Resposta*, pp.175 – 190. Porto: Porto Editora.

ME (2018). *Aprendizagens Essenciais, Articulação com o perfil dos alunos – Estudo do Meio*. Lisboa: Ministério da Educação/DGE.

ME (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/DGE.

ME (2004). *Organização Curricular e Programas - Programa do 1º CEB, 4.ª edição*. Lisboa: Ministério da Educação.

Nunes, C. S. (2013). *A integração de alunos estrangeiros na escola portuguesa do 1º Ciclo do Ensino Básico. O caso de um Agrupamento de Escolas do concelho de Viseu*. Relatório Final apresentado à Escola Superior de Educação de Viseu para a obtenção do grau de Mestre. Viseu: ESE/IPV.

Paim, E. & Frigério, N. (1997). *O Desafio de Trabalhar a Diversidade Cultural na Escola*. Nova Venécia: UNIVEN, Faculdades Integradas.

Palma, P. (2010). *Relação educativa e resiliência: Alunos residentes em instituições de acolhimento*. Dissertação para obtenção de grau de Mestre, apresentada na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. Faro: Universidade do Algarve.

Postic, M. (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada.

Ramos, N. (2007). Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, n.º 41-3, pp. 223-244. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade Aberta.

Resende, J. M., Vieira, M. M. (2000). *As Cores da Escola: Concepções de Justiça nos Discursos sobre a Multiculturalidade na Escola Portuguesa*. In Actas do IV Congresso Português de Sociologia, pp. 1-20. CICS. NOVA – Comunicações.

Rodrigues, E. C. (2009). *A integração dos alunos de origem estrangeira na escola portuguesa*. Tese de mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa:FLUL.

Rodrigues, P. C. (2013). *Multiculturalismo - A diversidade cultural na Escola*. Relatório Final de Estágio apresentado na Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Romero, P. (2017). *Multiculturalismo: Diversidade Cultural na Escola*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Silva, B., & Caldas, J. (2002). Interacção, mediação, identidade. In José Pacheco, Palmira Alves et. al. (Orgs.). *Actas V Colóquio sobre Questões Curriculares (I Colóquio Luso-Basileiro)*, pp. 918-930. Braga: Universidade do Minho.

Silva, M. José, Brandim, M. (2008). Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. In *Diversa* Ano I - n.º 1, pp. 51-66. Minas Gerais: Universidade Federal de Minas Gerais.

Souta, L. (1997). *Multiculturalidade & Educação*. Porto: Profedições.

Tavares, P. (2016). *A gestão da escola na promoção da Interculturalidade no agrupamento*. Lisboa: Universidade Aberta.

UNESCO (2002). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

Vieira, R. (2011). *Educação e diversidade cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento e CIID/IPL.

### **Legislação Consultada**

Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, publicada no Diário da República n.º 237 – Série I-A.  
Ministério da Educação.

Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, publicado no Diário da República n.º 15 – Série  
I-A. Ministério da Educação.



